

A indústria de confecção de *lingeries* no município de Guaporé (RS): algumas evidências em termos da estrutura e principais características do processo produtivo

Luciana Fornari

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

Cleide Fátima Moretto

Economista. Mestre em Economia (Ufrgs). Doutora em Teoria Econômica (USP)

Professora titular do curso de ciências econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (Feac) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF), na Universidade de Passo Fundo (UPF)

Resumo

A indústria têxtil e de confecção vêm ganhando representatividade no contexto da produção e emprego industrial brasileiro. A indústria de confecção de lingerie, especificamente, constitui diversos arranjos produtivos nas mais variadas regiões do país, arranjos estes comumente formados por micro e pequenas empresas que atuam no mercado nacional e internacional. O estudo objetiva analisar a estrutura e as principais características econômicas do processo produtivo da indústria de confecção de lingerie no município de Guaporé (RS). Revisa as contribuições da economia institucional e evolucionista para a compreensão da organização das empresas e a configuração do processo produtivo. Realiza pesquisa de levantamento de informações, por meio de amostragem probabilística, tendo como base as empresas cadastradas como confecção de lingerie na

* Artigo recebido em out. 2012 e aceito para publicação em set. 2013.

** E-mail: luciana.fornari@bol.com.br

*** E-mail: moretto@upf.br

prefeitura municipal de Guaporé. A pesquisa focaliza, como categorias de análise, as características da empresa e dos gestores, o fator trabalho, o fator capital e tecnologia e o mercado, de modo a compreender o processo produtivo das mesmas. Conclui que a indústria pesquisada é composta basicamente de micro e pequenas empresas familiares, sua produção não ocorre em larga escala devido ao tamanho da indústria, adota a terceirização como forma de suprir a falta de mão-de-obra e as mulheres são predominantes tanto na gestão como no processo produtivo.

Palavras-chave

Indústria têxtil; confecção de *lingerie*; processo produtivo.

Abstract

The textile and apparel industry are gaining representativeness in the context of Brazilian industrial production and employment. The apparel industry of lingerie, specifically, forms several arrangements in various regions of the country, which commonly formed by micro and small enterprises operating in domestic and international market. The study aims to analyze the structure and the main economic characteristics of production process of the apparel industry of lingerie in the municipality of Guapore (RS). Reviews the contributions of evolutionary and institutional economics to understand the organization of firms and the configuration of the production process. Does survey research through probabilistic sampling, based on the registered enterprises such as apparel industry of lingerie in city hall of Guapore. The research focuses, as categories of analysis, the characteristics of the company and managers, the labor factor, the capital and technology factor and the market, in order to understand your production process. Concludes that the industry researched is composed primarily for micro and small family enterprises, their production does not occur on a large scale due your size, adopts outsourcing as a way to address the lack of skilled labor and women are predominant in both management as in the production process.

Key words

Textile industry; apparel industry of lingerie; production process.

Classificação JEL: D2; L6; R3.

1 Introdução

Na busca do fortalecimento do produto nacional, a indústria têxtil e de confecções tem sido responsável pelo incremento da imagem da *identidade Brasil* no mercado externo. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT, 2011), o Brasil, em 2006, era o 7º maior parque têxtil mundial e contava com mais de 30 mil empresas formais, participando com, aproximadamente, 4,4% do PIB nacional e com faturamento anual de US\$ 33 bilhões. A produção nacional, no ano em análise, era de aproximadamente, 6,4 bilhões de peças, sendo que 99,0% do mercado brasileiro ainda era abastecido pelas empresas nacionais (ABIT 2011; IEMI, 2011). É um dos setores que mais emprega no país, aproximadamente 1,6 milhões de pessoas, em 2006, sendo que 80,0% dos empregos gerados na cadeia têxtil estavam centrados no segmento da confecção, apresentando, portanto, um forte impacto social. O setor de moda íntima vem ganhando espaço representativo nesta cadeia.

Garcia (2008) comenta que, com o passar dos tempos, a lingerie acompanhou as mudanças de comportamento e foi se adaptando ao cotidiano e, a partir do século XIX, a lingerie se tornou símbolo de sensualidade e luxo, feita a partir de tecidos finos e elegantes. Ghidin (2008) acrescenta que ocorreu grande inovação relacionada aos tecidos e às cores a partir dessa época e a fabricação de peças passou a incorporar ousadia. A lingerie, segundo ela, passou a ser vista como fonte de lucros, diversas marcas passaram a apostar no produto e obtiveram grandes lucros.

No Brasil, atualmente, pode-se considerar o município de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, como sendo o principal pólo nacional de moda íntima. Nova Friburgo iniciou suas atividades neste ramo há muitos anos, e no passar do tempo aprimorou seus produtos e serviu de incentivo para outras regiões do país que também entraram para este setor produtivo. Além de Nova Friburgo, existem outros municípios e regiões que também possuem grande representatividade, como é o caso do município de Guaporé.

Guaporé é um município do estado Rio Grande do Sul, localizado na Serra gaúcha, mais precisamente na mesorregião Nordeste Rio-Grandense, distante 200 km da capital. O município, de acordo com dados do Censo Demográfico de 2010, tem 22.814 habitantes, sendo que 93,1% deles residem na área urbana. A maior parte de seus residentes descende de imigrantes italianos. As indústrias, com destaque para o ramo joalheiro, metal-mecânico e têxtil, são a sua principal fonte de produção e de renda. O município contava, em 2011, com 1.921 empresas (IBGE, 2011), dentre as quais, a indústria têxtil tem demonstrado expressivo crescimento. Tomando apenas os dados das empresas formalizadas, observamos que, em 2002, estavam cadastradas, no Ministério do Trabalho e Emprego, 60 empresas

neste segmento. Já em 2011, esse número passou para 147, revelando um aumento de 145,0% no período de nove anos (BRASIL. MTE, 2011). Deste montante, de acordo com a Secretaria de Indústria e Comércio local (GUAPORÉ, SMIC, 2011), 91 são indústrias de *lingerie*, voltadas também para a moda praia e *fitness*. Esta indústria se desenvolveu no início da década de 1990, sendo responsável, atualmente, por grande parte da geração de emprego e renda do município, com destaque no mercado em nível estadual e nacional.

A literatura econômica, sobretudo na área da economia institucional e evolucionista, aponta que a combinação de elementos econômicos, políticos, sociais e institucionais conduz a processos dinâmicos e ao crescimento da produção, do emprego, da inovação, do progresso tecnológico e à elevação nos níveis de bem-estar de parcelas da população. O desenvolvimento econômico centra-se em um conjunto de relações criadas por atores econômicos locais, apoiados por sistemas institucionais voltados aos interesses e às necessidades das atividades desenvolvidas no território. Nesse contexto, o artigo tem como objetivo analisar a estrutura e as principais características econômicas do processo produtivo da indústria de confecção de *lingeries* no município de Guaporé (RS).

De cunho aplicado, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, segue a orientação dedutiva, com base em uma abordagem quantitativa. As técnicas de pesquisa adotadas possuem embasamento em pesquisas bibliográficas e em pesquisa de levantamento, por amostragem probabilística, por meio de dados primários, no qual foi utilizado um formulário como instrumento de pesquisa.

Inicialmente, o artigo trata da contribuição da economia institucional e evolucionista para o estudo do processo produtivo e contextualiza a produção de *lingerie* no âmbito da indústria de confecção têxtil do país. Em seguida, aborda sobre os métodos e técnicas adotados para a realização da análise dos dados e apresenta a análise dos resultados obtidos com a pesquisa aplicada. Por fim, traz as considerações finais.

2 A contribuição da economia institucional e evolucionista na análise do processo produtivo

A avaliação do processo produtivo abre espaço para o resgate de dois conceitos fundamentais da economia institucional e da economia evolucionista, respectivamente, a teoria dos custos de transação e a

aprendizagem. Os problemas de informação, complexidade organizacional e incerteza interferem no objetivo principal da firma, a maximização do lucro.

A economia institucional parte do argumento desenvolvido por Oliver Williamson, segundo o qual “o ambiente institucional pode interferir significativamente nas formas pelas quais os agentes econômicos se relacionam e efetuam transações, com conseqüências sobre a estrutura e efetividade de um dado segmento” (VALLE et al., 2002, p.3). Douglas North, neste contexto, buscou diferenciar conceitualmente, instituições e organizações. Para ele, as instituições são restrições ou normas, formais (constituições, leis, direitos de propriedade) e informais (costumes, tradições, sanções, tabus, códigos de conduta) elaboradas pelos indivíduos que constituem a interação social, econômica e política representam as *regras do jogo* (FARINA et al., 1997). As organizações são consideradas, como “[...] entidades estáveis compostas por membros formalmente organizados, cujas regras também contribuem para as instituições de economia capitalista” (BRONZO; HONÓRIO, 2005, p. 10). Portanto, tanto o ambiente quanto o arranjo institucional são mutáveis ao longo do tempo.

Neste contexto, as interações da firma utilizam estratégia corporativa, o que ocasiona uma visão ampla a respeito do comportamento das instituições econômicas no capitalismo contemporâneo. Existem, no entanto, alguns obstáculos inerentes à formação destes arranjos institucionais, os chamados custos de transação, os quais “[...] exigem que sejam viabilizadas condições mínimas para que os arranjos possam gozar de eficiência e funcionalidade” (VALLE et al., 2005, p. 3). Várias são as premissas que sustentam o desenvolvimento da economia dos custos de transação. Os custos de transação estão associados ao funcionamento do mecanismo econômico e social, sintetizados por Ronald Coase como os custos de se utilizar o mercado (FARINA et al., 1997). Os autores explicam que as transações econômicas estão sujeitas ao risco de que uma das partes envolvidas não cumpra os elementos acordados. As firmas, por sua vez, constituem mecanismos e estruturas de governança que buscam reduzir tais riscos e seus desdobramentos. Desse modo, concluem os autores, reduzir custos de transação implica em reduzir riscos, determinando a eficiência na concorrência entre as empresas.

Embora seja importante compreender de que forma as organizações criam e recriam vantagens competitivas a partir do controle de determinados recursos e ativos no interior dos seus limites de eficiência, é também importante considerar que a competitividade mostra-se quase sempre dependente da forma como as organizações gerenciam as suas estruturas de relacionamento interorganizacional, com repercussões nos custos de transação e nas economias de aprendizagem (BRONZO; HONÓRIO, 2005).

A nova economia institucional tem contribuído na questão de saber como as organizações absorvem inovações, como aprendem e como se

adaptam a elas, adotando novas abordagens que tentam entender o funcionamento das organizações, por meio de análises contratuais – economia dos custos de transação – ou como repositórios de recursos e competência – economia evolucionista¹ (NOGUEIRA, 2001). Para os evolucionistas, comentam Bronzo e Honório (2005), a economia dos custos de transação representa um conjunto de teorias importantes nos estudos da firma e da estratégia organizacional, mas é necessário complementar a análise com um enfoque para além do aspecto contratual das transações. As correntes evolucionistas apresentam uma abordagem mais voltada para os aspectos dinâmicos, fazendo com que considerem o conhecimento como o resultado da história da organização, ou de suas escolhas no sentido de adquirir determinadas competências. Trata-se, portanto, de um processo dependente do caminho percorrido e, de forma mais ampla, analisa aspectos dinâmicos da evolução das firmas (NOGUEIRA, 2001).

A linguagem evolucionista ou desenvolvimentista tem sido muito utilizada por economistas para descrever como a estrutura de uma economia muda ao longo do tempo, tanto indivíduos como organizações são entidades que “aprendem” (TIGRE, 2005). O mesmo autor ressalta que a teoria evolucionista se distingue da neoclássica e da teoria da organização industrial, pois descarta hipóteses básicas do pensamento econômico convencional². Neste sentido, identificam-se alguns fatores econômicos de importância para se entender o processo produtivo, para além da análise dos fatores de produção (trabalho e capital) e de sua produtividade. O tamanho da firma, o emprego da tecnologia e o modo como elas se organizam definem os processos organizacionais.

As pequenas empresas no mundo atual são de grande importância, estão em grande concentração e são responsáveis por grande parcela dos empregos, além do que uma grande vantagem que possuem é serem menos sensíveis às crises financeiras. Souza e Mazzali (2008, p 593) identificam na literatura anglo-saxônica uma espécie de “paradigma

¹ Para a escola evolucionista, por sua vez, as empresas possuem um conjunto de capacidades e de competências que se modificam ao longo do tempo, tanto pelos seus esforços na solução de problemas quanto em função de eventos inesperados que impulsionam a mudança. Assim, a teoria das capacidades dinâmicas da firma, como proposta em Teece, Pisano e Shuen (1997 citados por BRONZO; HONÓRIO, 2005, p. 6) “[...] integra-se à abordagem da teoria dos custos de transação, estabelecendo suas raízes em diferentes referências, como as de Schumpeter (1911), Penrose (1959), Williamson (1975), Nelson e Winter (1982), Prahalad e Hamel (1990)”.

² Tigre (2005) argumenta que existem três princípios que se destacam para o entendimento da teoria neoclássica, o primeiro é que “a dinâmica econômica é baseada em inovações em produtos, processos e nas formas de organização da produção” (p. 17), o segundo “descarta a idéia de racionalidade invariante (ou substantiva) dos agentes econômicos” (p. 18), e o terceiro refere-se “à propriedade de auto-organização da firma, como resultado das flutuações do mercado” (p. 18).

orientador da pesquisa em pequenas empresas”, denominado como “a tese da especificidade gerencial”. Nesse paradigma, o pequeno negócio é considerado uma entidade específica, com distinções das grandes empresas, com destaque para: “[...] estrutura administrativa centralizada; estratégias intuitivas e de curto prazo; baixa especialização; simplicidade e informalidade do sistema de informação e atuação em mercados locais” (SOUZA; MAZZALI, 2008, p. 593). A existência continuada dessas empresas é explicada por alguns fatores, dentre eles “o fato de que o grande capital empresarial não brota do chão (sua oferta não é elástica); depende do crescimento do capital já existente. Assim, embora as pequenas empresas percam terreno continuamente, o processo é lento”. (STEINDL, 1945 citado por SOUZA; MAZZALI, 2008, p. 594).

O processo de industrialização não se deu no mundo todo ao mesmo tempo, processo esse marcado pelos feitos tecnológicos da época que proporcionaram melhoria e eficácia nas condições de trabalho. A tecnologia vem sendo peça fundamental para o crescimento das empresas nos mais diversos setores da economia, o que não é diferente para as indústrias de moda íntima. A tecnologia representa a capacidade de combinação de recursos para se produzir. A tecnologia torna o processo de industrialização e produção mais eficaz, conseqüentemente, os produtos são de melhor qualidade, produzidos em maior quantidade reduzindo os custos, e assim, o preço final (PEREIRA; DATHEIN, 2011).

A velocidade com que as transformações ocorrem é responsável pelo aceleração do processo de aprendizagem, tanto dos indivíduos como das instituições, o que leva à redução de custos e tempo de mudanças (PEREIRA; DATHEIN, 2011). Segundo Enderle et al. (2005), as micro e pequenas empresas têm sua importância reconhecida no processo de acumulação de capital, porém, se faz necessária uma discussão acerca de como essas empresas podem auferir ganhos maiores e se tornarem mais competitivas. Podemos considerar a aprendizagem como um vetor para a maior competitividade e a aglomeração de empresas de uma determinada atividade tem sido uma forma encontrada para a sua viabilização.

Nos moldes marshallianos, como comentam Enderle et al. (2005, p. 237), a especialização causada pela aglomeração de indústrias num eixo comum possibilita às empresas eficiência organizacional, onde recursos são compartilhados entre as mesmas, proporcionando o desenvolvimento da indústria local. Enderle et al. (2005, p. 237) explicam que “as evidências indicam que não é o tamanho das pequenas empresas o que as prejudica, mas, sim, o fato de que essas empresas costumam operar sozinhas em ambientes cada vez mais competitivos”. Para estas aglomerações o determinante é a capacidade de alcançarem altos patamares de competitividade tendo como base a inovação.

3 A indústria têxtil e de confecções no Brasil

A indústria têxtil brasileira tem pouca representatividade no comércio internacional³. Percebemos, nessa direção, que esta permanece pouco competitiva internacionalmente, ainda que tenham sido observados esforços no sentido de sua reestruturação, sobretudo a partir dos anos 1990 (RELATÓRIO..., 2006). Com base na mesma fonte, vemos que a indústria têxtil apresenta uma participação praticamente irrelevante no comércio internacional, mesmo que o segmento de confecções tenha aumentado sua participação no total das exportações brasileiras, e não é capaz de suprir a demanda nacional.

Sua importância é mais visível em nível de mercado interno, com efeitos dinamizadores sobretudo no âmbito do mercado de trabalho e na produção pulverizada em um conjunto importante de micro e pequenas empresas. Em 2011, foram identificados 54.401 estabelecimentos associados à indústria têxtil no Brasil, sendo que, deste total, 13,4% enquadravam-se como estabelecimentos sem nenhum funcionário e 54,7% em estabelecimentos que possuíam entre um (1) até quatro (4) funcionários (BRASIL, MTE, 2011). Se somarmos as 7.281 possibilidades de trabalho dos primeiros aos 62.700 empregos gerados pela segunda modalidade, teremos 9,6% dos 725.510 empregos gerados pela indústria têxtil como um todo, no mesmo período.

Em termos de estrutura de mercado, a indústria têxtil brasileira, no âmbito da dinâmica do mercado, como argumentam La Rovere et al. (2006), indica, de um lado, uma tendência expressiva de concentração da produção nos segmentos fiação, tecelagem e malharia, de outro, no segmento de confecções, o aumento tanto no número de unidades de produção quanto no volume produzido. Os autores explicam que, no primeiro caso, houve grandes economias de escala em decorrência da adoção de novas tecnologias, um aumento no volume de produção por fábrica e o fechamento de empresas tradicionais que não conseguiram se adaptar às novas exigências do mercado. Já, no caso da indústria das confecções, comentam que, pela baixa barreira à entrada, a presença de micro e

³ Atualmente, o Brasil participa com menos de 1% no comércio mundial de têxteis, sendo a parcela mais significativa das exportações nacionais referentes ao segmento de confecções (RECH, 2006). Os dez principais países exportadores de produtos têxteis e de confecção, em 2006, eram China (27,2%), Hong Kong (8,0%), Itália (6,7%), Alemanha (5,7%), Estados Unidos (4,4%), Índia (3,7%), França (3,1%), Turquia (3,0%), Bélgica (2,9%) e Coréia do Sul (2,5%) (RELATÓRIO..., 2006).

pequenas empresas possibilitou a inovação na produção, todavia, com a utilização mão-de-obra informal.

A indústria têxtil e de confecções caracteriza-se por incorporar tecnologia desenvolvida por outros setores, ou seja, os avanços tecnológicos no processo produtivo provêm dos avanços ocorridos na produção das matérias-primas e nas máquinas e equipamentos. As empresas são dependentes de investimento em modernização para aumentar a eficácia das operações industriais, para reduzir os custos e para assegurar a competitividade (VASCONCELOS, 2006).

De acordo com Simon e Carvalho (2009), o Brasil apresenta aglomerações setoriais importantes da indústria de confecção, sendo que, atualmente, as regiões Sul e Sudeste do país correspondem a 80,0% de toda a produção da indústria de confecção nacional.

O município de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, é considerado como o principal polo de moda íntima no Brasil. A indústria de lingerie de Nova Friburgo, como descrevem Villela e Pinto (2009), teve origem na década de 1960 com a instalação na região de uma empresa de capital estrangeiro. Comentam que, como consequência das crises dos anos 1980 (a década perdida), ocorreu uma série de demissões, levando as funcionárias demitidas, e que contavam com pouco capital mas um certo conhecimento do ofício, a iniciarem seus pequenos negócios, normalmente em seus domicílios. Dessa forma, observou-se a instalação de um conjunto de pequenas empresas dedicadas à confecção de moda íntima. Os autores destacam que, em 1997, a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e o Sebrae solicitaram à Fundação Getúlio Vargas (FGV) um estudo sobre as potencialidades econômicas do estado do Rio de Janeiro, do qual resultou a confirmação da vocação do município de Nova Friburgo para a confecção de lingerie, que passou a ser visto como um polo, juntamente com os municípios de Bom Jardim, Cantagalo, Cordeiro, Duas Barras e Macuco. Os autores explicam que, em 2001, o segmento foi contemplado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e abriu-se espaço para a instalação do Arranjo Produtivo Local de moda íntima de Nova Friburgo. A partir do Conselho da Moda de Nova Friburgo, a estrutura de governança do polo foi criada em 2002 e redesenhada em 2003, a partir do ingresso de novos integrantes.

Atualmente, diversas regiões do país desenvolvem esta atividade, fortalecendo-a diante do mercado internacional e gerando empregos e renda, o que influencia diretamente os seus resultados. O estado do Rio de Janeiro, mais precisamente, Nova Friburgo, segue líder no ramo de confecção de *lingerie* no país, com cerca de 800 empreendimentos, formais e informais (VILLELA; PINTO, 2009). De outra parte, a região Nordeste

brasileira já é considerada uma potência e, na serra gaúcha, o município de Guaporé ganha a segunda colocação em nível de país neste segmento industrial.

No setor têxtil muitas são as tecnologias que podem ser inseridas no intuito de aperfeiçoar a produção de *lingeries*, sejam elas nos insumos e principalmente no maquinário e acessórios que envolvem a produção das peças.

De acordo com notícia publicada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2011) o setor têxtil no Brasil possui um dos maiores contingentes de maquinários instalados do mundo, mas isso, ao contrário do que parece, não significa que o país tenha grande representatividade nas exportações mundiais. Um estudo realizado pelo CGEE para a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) constatou que o setor precisa se adaptar à realidade da competitividade mundial para poder se manter e se inserir mais no mercado externo.

Além de sua formação e evolução, a cadeia têxtil, por ser grande geradora de emprego e renda, é protegida internacionalmente pela imposição de quotas quantitativas para os principais produtos, as quais devem ser respeitadas por países exportadores, o que gera forte proteção aos mercados nacionais (KON; COAN, 2005, p. 19).

Portanto, um desafio que se apresenta à indústria têxtil nacional e, por conseqüência, na indústria da *lingerie*, é o fortalecimento das organizações, por meio de maior eficiência na utilização dos fatores de produção, sobretudo em termos de novas tecnologias. Se por um lado o tamanho da firma pode representar um entrave pelas limitações relativas às formas de gestão, ao capital investido, à qualificação do trabalho, por outro, sinaliza um espaço potencial e flexível para novas formas de integração do tecido produtivo.

4 Métodos e técnicas

Em termos do delineamento geral do estudo, em nível aplicado e com orientação dedutiva, destacamos a opção pela ênfase descritiva e pela abordagem quantitativa para a resolução do problema. Como técnicas, baseia-se na pesquisa bibliográfica na área da economia institucional, com ênfase na economia dos custos de transação e na aprendizagem, e na pesquisa de levantamento, por meio de amostragem probabilística, junto às empresas cadastradas na Prefeitura Municipal do município de Guaporé (RS).

4.1 Referencial teórico

Para atingir o objetivo do trabalho adota-se um esquema conceitual que utiliza os fatores de produção básicos da teoria da firma (trabalho, capital, tecnologia e mercado) e amplia o quadro referencial mediante a incorporação de novos conceitos da economia institucional e evolucionista (interação entre os agentes econômicos).

Para o fator trabalho é feita uma análise setorial do fator dentro da empresa, identificando-se os colaboradores *chão-de-fábrica*, onde se encaixam os colaboradores de forma geral, e os colaboradores em *ciência e tecnologia*, que abrange o setor de criação e desenvolvimento do produto. O objetivo desta análise é identificar as diferenças entre os setores e avaliar de que forma as empresas utilizam esse fator. Para cada um dos setores são analisadas algumas variáveis de controle dos sujeitos amostrais, como o gênero, a escolaridade, a remuneração, a jornada de trabalho, variáveis que podem interferir na produção da empresa, entre outras, como a origem dos trabalhadores. Buscamos identificar se o município oferece a mão-de-obra necessária e suficiente para o grande número de empresas ou se a tendência é que estas empresas busquem pessoal fora do município. Além destas duas categorias, dentro da empresa, é necessário analisar se as empresas adotam serviços terceirizados para poder suprir o volume de produção e qual o impacto deste tipo de relação no mercado de trabalho constituído a partir da indústria da confecção de lingerie.

Outra categoria avaliada é o fator capital e inovação. Buscamos examinar como ocorre a tomada de decisão em nível de capital e de tecnologia. Ainda, analisamos se as empresas que recebem apoio de instituições e programas apresentam alguma alteração em sua produção, tais como realização ou aumento dos investimentos em tecnologia, infraestrutura para a sua instalação, desenvolvimento do produto, pois nem todas as empresas possuem profissional específico que desempenhe função qualificada na área de tecnologia e/ou inovação.

Na sequência, estudamos o mercado da confecção de lingerie no qual as empresas estão inseridas, identificando a origem dos insumos e o destino dos produtos, em termos de abrangência. Nesse aspecto, avaliamos a existência de ligações entre as empresas, como apoios institucionais e compras coletivas, direcionados normalmente à redução de custos, organizações de feiras, entre outras.

4.2 Forma de obtenção e tratamento dos dados

A pesquisa de levantamento segue a amostragem probabilística e, em função da limitação do tempo para a pesquisa de campo, adotamos o erro tolerável de 10%. Fazem parte da população de estudo 91 empresas do setor de confecção de lingerie cadastradas na Prefeitura Municipal de Guaporé (RS), seguindo os critérios de planejamento e confiabilidade amostral, selecionadas aleatoriamente. O cálculo do tamanho mínimo da amostra com o ajuste para a população envolvida resultou em 48 empresas (BARBETTA, 2002).

Para o levantamento das informações relativas ao modelo conceitual adotado, foi aplicado um formulário⁴, testado previamente, respondido pelo proprietário ou gestor das empresas selecionadas. Os mesmos foram consultados sobre a possibilidade em participar da pesquisa, sobre o objetivo e os critérios utilizados para a pesquisa, especialmente sobre a confidencialidade das informações. Os dados coletados foram tabulados em planilhas do Software Excel e, após, tratados por meio do Software SPSS. Os resultados são apresentados por meio de estatística descritiva simples, como frequências absoluta e relativa.

5 Análise dos resultados

A pesquisa de levantamento foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2011. A amostra selecionada foi composta por 48 empresas, às quais foi solicitado que os gestores respondessem ao formulário.

Inicialmente examinamos informações relativas ao tipo de empresa em questão. Em termos de enquadramento tributário, apenas duas empresas enquadram-se como de pequeno porte ou pequena empresa, o que corresponde a 4,2% do total da amostra, enquanto as demais são consideradas microempresas, optantes pelo Simples Nacional, representando 95,8% do total. Quanto ao enquadramento jurídico das empresas entrevistadas, 100% delas estão enquadradas como Sociedade Limitada. Examinando o porte das empresas pesquisadas pelo número de

⁴ Conforme definição Lakatos e Marconi (2003), o formulário é um roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado, este método permite que o entrevistador obtenha maiores informações junto ao entrevistado, facilitando com isso o entendimento das respostas e a interpretação dos resultados.

funcionários registrados⁵, observamos que a maior parte delas, 43 (89,8%), enquadra-se como microempresas, 4 empresas (8,4%) como pequena empresa e apenas uma (1) como média empresa.

Em termos do capital social das empresas, previsto em contrato, a maior frequência das respostas ocorreu na faixa entre R\$ 10 mil e R\$ 20 mil; a média de 47 respondentes é de aproximadamente R\$ 35.850,00. Quanto à forma de gestão, 64,5 % delas é familiar (dois ou mais membros da mesma família). Quanto ao tempo de atuação no mercado, observa-se que, das empresas entrevistadas, empresas de um a quatro anos de existência representam 50,0% do total da amostra, o que comprova que, micro e pequenas empresas possuem não apenas elevadas taxas de mortalidade (sobrevivência), mas também uma taxa elevada de natalidade no mercado, inerente à estrutura do setor informal, com baixa intensidade de capital e relativa facilidade de entrada no mercado. Percebemos que as empresas pesquisadas confirmam as características setoriais já evidenciadas pela literatura para a indústria de confecções.

Em relação à participação das empresas no mercado, foi solicitado que os respondentes distribuíssem o montante de 100,0% para os mercados nos quais participam, no âmbito local, regional, nacional e internacional. Observa-se que apenas 12,5% das empresas não atuam no município: 87,5% atuam em nível local, sendo que, destas, 27,1% informaram destinar sua produção totalmente ao mercado local. O mercado em nível estadual é pouco expressivo, apenas 40,0% das empresas vende uma proporção média de 30,0% de sua produção. Em nível de país, 55,0% das empresas informaram vender para outros estados e o percentual de empresas com 40,0 a 50,0% de participação fica em torno de 27,0%. Internacionalmente a representatividade também é baixa, em torno de 90,0% das empresas não atuam no mercado internacional.

Para avaliar o tamanho da empresa e a demanda pelo fator trabalho, procuramos estimar a quantidade média de funcionários nestas empresas. Constatamos que a grande maioria delas possui no máximo dez funcionários e há predominância do gênero feminino. A média para todas as empresas é de 11,8 funcionários, sendo que uma pequena minoria possui até quarenta funcionários e apenas uma empresa possui mais de 100 funcionários. A participação da mulher neste setor, segundo relato dos gestores, é fundamental, tanto pela sua atuação, por ter certa tendência a trabalhar com isso, quanto pela sua criatividade e cuidado com os pequenos detalhes, os quais são de grande importância no resultado. A remuneração

⁵ Seguimos o critério adotado pelo Sebrae para enquadrar as empresas pelo número de funcionários, diferenciados para o setor industrial e para os setores de comércio e de serviços. Assim, consideramos para a indústria: *microempresa*, até 19 empregados; *pequena empresa*, de 20 a 99 empregados; *média empresa*, de 100 a 499; e *grande empresa*, mais de 500 empregados. (SEBRAE, 2011)

dos colaboradores ocorre de maneira tradicional, não diferenciando funcionários pela habilidade e competência e não oferecendo participação nos resultados, o que é uma característica das micro e pequenas empresas.

5.1 Caracterização do gestor

Um dos focos do estudo foi identificar as principais características do gestor destas empresas. Em relação ao seu nível de escolarização, percebe-se que em sua grande maioria, mais precisamente 72,9% dos 48 analisados, possuem segundo grau ou ensino médio completo, seguidos de 16,7% com ensino superior completo e 6,3% com ensino superior incompleto.

A idade média encontrada dos gestores foi de 36 anos, sendo que a idade mínima é de 21 anos e a máxima é de 54 anos. Em relação ao gênero, contou-se que 67,0% são gestoras contra apenas 33,0% de gestores homens. É visível que além da mulher estar mais presente na produção de lingerie, sua representatividade frente a estas empresas também é maior.

Buscamos informações a respeito da participação do gestor no processo produtivo (Quadro 1), considerando que em micro e pequenas empresas é comum que o gestor participe de forma centralizada, atuando em diversos setores e realizando múltiplas tarefas.

Quadro 1

Distribuição da relação do gestor com o processo produtivo - 2011

Relação do gestor com o processo produtivo	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Participação centralizada: realização de tarefas múltiplas	37	77,1
Gestão parcialmente descentralizada	5	10,4
Gestão descentralizada com estrutura formal de cargos e funções	6	12,5
Total	48	100,0

FONTE: Pesquisa de campo.

Identificamos que 77,1% dos gestores participam de forma centralizada, ou seja, além de gerir, eles atuam em nível comercial, atendendo fornecedores, clientes, realizam tarefas de banco, e, inclusive, no próprio processo produtivo. Outros ainda têm sua participação parcialmente centralizada; estes correspondem a 10,4% da amostra e realizam atividades específicas dentro da empresa. Já 12,5% dos entrevistados relataram que a participação do gestor ocorre de forma descentralizada, ou seja, a empresa possui uma estrutura formal de cargos

e funções, sendo assim, o gestor não participa de outras funções. Quando questionados quanto ao pró-labore ou remuneração, apenas 38 responderam, sendo que a média obtida foi de R\$ 1.523,68, um valor que pode ser considerado baixo quando comparado com a remuneração média dos colaboradores.

5.2 Fator trabalho

Um primeiro questionamento da pesquisa tratou do recrutamento e seleção de novos funcionários, pois, como identificado anteriormente, uma das características da micro e pequena empresa é realizar internamente este processo, devido à necessidade de conhecer e identificar se a pessoa é qualificada para o posto e ainda se pode migrar para outros. Podemos confirmar que os gestores das empresas pesquisadas são os responsáveis por este processo: o recrutamento e seleção feitos internamente correspondem a 89,6%, contra apenas 10,4% que realizam de forma terceirizada. Quando questionados sobre a capacitação requerida no ingresso de novos funcionários, constatou-se que a experiência ou prática anterior são o atributo mais desejável, representando 66,7% do total de empresas pesquisadas. Observamos que a falta de mão-de-obra faz com que a maioria das empresas não exija cursos ou treinamentos antes da contratação. Ter conhecimento ou já ter trabalhado anteriormente na área bastam para que ele seja contratado.

Para avaliar a divisão do trabalho no processo produtivo, foram indicadas como possíveis respostas aos gestores participantes da pesquisa as opções *realizada pelo gestor*, *acompanhada pelo gestor*, *controlada e avaliada pelo gestor* e por fim, *todas as alternativas*. Observamos que 56,3% dos gestores responderam que realizam todas as alternativas, sua participação ocorre de maneira maciça ao longo do processo produtivo; 22,9% responderam que, como gestores, controlam e avaliam o processo produtivo, e 20,8% respondeu que o processo produtivo é realizado pelo gestor. Normalmente são os próprios gestores que atuam diretamente no processo produtivo, fato característico das empresas do setor informal.

Conforme mencionado anteriormente, a análise do processo produtivo foi dividida em dois setores para uma melhor análise, sendo o primeiro o *chão de fábrica*, e o segundo o de *criação e desenvolvimento do produto*.

Para o setor chão de fábrica, percebemos que o número de mulheres presentes nas atividades ligadas diretamente ao processo produtivo é mais alto em relação ao número de homens devido a sua tendência natural de realizar esta atividade: 47,9% das empresas não possuem funcionários homens ligados ao processo produtivo. Quando observado o número de mulheres, em 100,0% das empresas há sua participação. Em termos da

origem do fator trabalho, constatamos que cerca de 80,0% das empresas utiliza mão-de-obra local. A participação regional ou de outras localidades ainda é baixa, mas esse número vem crescendo em razão da falta de mão-de-obra no município. No que se refere ao nível de escolarização destes funcionários ligados diretamente ao processo produtivo, identificamos que em sua maioria, 64,6%, tem segundo grau ou ensino médio incompleto, seguido de 33,3% de colaboradores com segundo grau ou ensino médio completo; o primeiro grau ou ensino fundamental completo representou apenas 2,1% dos funcionários contratados nas empresas entrevistadas. Já a remuneração média dos funcionários que atuam no chão de fábrica, de acordo com a informação dos gestores pesquisados, é de R\$ 796,00, variando de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00.

A literatura sobre gestão de pessoas sinaliza que o absenteísmo dos funcionários em micro e pequenas empresas pode afetar em muito a sua produção e, estas faltas, muitas vezes, costumam ser justificadas pelos atestados médicos. Nesse sentido, podemos observar que a frequência de atestados nas empresas em questão pode ser considerada baixa, pois, quando questionados sobre a ocorrência de atestados no último ano, 62,5% responderam que em suas empresas não havia sido apresentado nenhum atestado de trabalho.

Além dos colaboradores ligados diretamente à produção, outro setor de grande importância é o de criação e desenvolvimento do produto. Produtos inovadores, peças diferenciadas e o acompanhamento das tendências são o objetivo a ser alcançado pelos *designers* do produto. Algumas empresas possuem profissionais específicos para a tarefa dentro da própria empresa, já outras contratam essa mão-de-obra terceirizada apenas para o desenvolvimento de suas coleções. Foi possível observar que a maior parte das empresas utiliza mão-de-obra terceirizada para a criação e o desenvolvimento dos seus produtos, 43 (89,6%) das 48 empresas pesquisadas. Apenas cinco (5) empresas, 10,4%, do total de empresas pesquisadas informaram ter mão-de-obra própria para criar e desenvolver produtos, seis funcionários entre todas (normalmente um por empresa) e destes apenas um do gênero masculino, a maioria com ensino superior completo. O baixo número de funcionários neste setor comprova que, para estas empresas, o custo de sua manutenção é elevado para esta área, sendo a terceirização uma maneira de ter acesso, a um menor custo de produção.

5.3 Capital e inovação

Foi discutido anteriormente que micro e pequenas empresas normalmente utilizam recursos próprios para integrar ao capital da empresa, isso porque o acesso ao crédito para elas é mais difícil, devido à alta taxa de natalidade e mortalidade das mesmas. Podemos observar que, na maioria das empresas pesquisadas, os recursos correspondem em parte a recursos próprios e em parte a financiamentos, o que representa 54,2%. Empresas que obtêm seu capital integralmente de financiamento bancário representam 25,0%; apenas 20,8% das empresas pesquisadas utilizaram apenas recursos próprios. De outra parte, analisando-se o local de instalação física das empresas, identificamos que 66,7% das empresas estão instaladas em prédio próprio, contra 33,3% em prédio locado. Para estas empresas, basicamente microempresas, estarem instaladas em prédio próprio implica numa redução significativa dos custos de produção mensais.

Quanto à confecção do produto (Quadro 2), identificamos que 74,5% respondeu que a produção é feita totalmente na empresa e 21,3% afirmou contratar serviço de terceiros para uma parte da produção. A terceirização vem sendo utilizada por estas empresas para suprir a necessidade de aumento de produção.

Quadro 2

Identificação do processo de confecção do produto – 2011

Processo de confecção do produto	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Totalmente feito na empresa	35	74,5
Parte feito na empresa, parte terceirizado	10	21,3
Outro	2	4,3
Total	47	100,0

FONTE: Pesquisa de campo.

A capacitação tecnológica pode ser mensurada por meio de indicadores como, por exemplo, o investimento em máquinas e equipamentos. Quando questionados sobre o investimento em tecnologia, 87, 5% das empresas responderam ter investido na aquisição de novas máquinas e equipamento sendo que, destas, 33,3% declararam ter investido até R\$ 10 mil; analisando a frequência cumulativa, observamos que 58,3% das empresas declararam ter investido um valor até R\$ 25 mil, o que confirma as dificuldades encontradas pelas empresas de pequeno porte não apenas para a adoção de capital, mas também de inovações.

Buscamos, ainda, identificar a representatividade no custo de produção de alguns fatores, como, matéria-prima, *marketing*, equipamentos e

tecnologia, mão-de-obra, infra-estrutura, desenvolvimento do produto e outros fatores. Com relação à participação da matéria-prima, notamos que para 31,0% das empresas este fator representa 30,0% de seus custos, seguido de 27,0% de empresas que indicam 50,0% de representatividade nos custos de produção; 4,2% não indicaram nenhuma quantidade percentual, e 4,2% indicaram 60,0% de representatividade. Em termos de *marketing*, evidenciamos que 60,0% das empresas não atribuem nenhum percentual de participação à empresa, seguida de 30,0% com 5,0% de participação, e 8,0% com representatividade de 10,0%. Já com relação aos equipamentos e tecnologia, 37,5% indicou nenhuma participação, seguida de 21,0% de empresas com 10,0% de participação nos custos. Em torno de 38,0% das empresas possuem de 15 a 30,0% de participação desse fator em seus custos de produção.

5.4 Mercado

No que diz respeito aos insumos utilizados na fabricação dos produtos, foram apresentadas algumas opções de origem para que, da mesma forma que os custos, fossem apresentados em percentual de significância. Em termos da interação com o mercado local, observamos sua forte presença: 83,3% o fazem, e, destas, 48,0% com uma proporção que supera os 50,0% dos insumos utilizados (18,8% com a proporção de 100,0% dos insumos locais); apenas 16,7% das empresas entrevistadas informaram não adquirir insumos no município. Apenas 16,8% das empresas pesquisadas informaram adquirir os seus insumos de produção de outros municípios do estado do Rio Grande de Sul e numa proporção inferior aos 50,0% dos insumos totais. De outra parte, vemos que o mercado nacional é o que mais caracteriza a origem dos insumos das indústrias pesquisadas: 72,9% das empresas informaram adquirir seus insumos em outros estados do país, e, destas, 50,2% com uma proporção superior a 50,0% dos insumos totais utilizados na produção. Ainda, observamos que é pouco expressiva a aquisição de insumos no mercado internacional, 14,7% das empresas informaram que importam parte dos seus insumos de produção (e destas numa proporção que vai de 5,0 a 20,0% dos insumos totais).

O presente trabalho identificou anteriormente que nos arranjos setoriais normalmente ocorre cooperação entre as empresas, como compras conjuntas, visando minimização dos custos, organização de feiras e eventos, buscando maior concorrência nacional, entre outras. Neste sentido, identificamos que, nas empresas entrevistadas, essa cooperação não acontece: 77,0% das empresas não possuem nenhum tipo de relação umas

com as outras, e um número mínimo, em torno de 10,0% realiza compras conjuntas, 10,0% planeja feiras de forma coletiva.

Algumas empresas apresentam linhas de produção alternativas à principal, como forma de melhorar a concorrência com as demais. Ao perguntarmos se a empresa possuía linha alternativa, 75,0% das empresas responderam que não possuem e apenas 25,0% responderam afirmativamente. Todas as empresas possuem sistema interno de controle de qualidade. A produção é destinada tanto para o comércio atacadista como para o comércio varejista (71,0% das empresas pesquisadas; o restante das empresas destina sua produção apenas para o comércio varejista. Nessa direção, as empresas entrevistadas responderam à pergunta sobre qual o foco principal da empresa observado no momento da oferta do produto. Preço e qualidade obtiveram 27,1% das respostas, e 20,8% informaram que ambos os quesitos são o foco. Em seguida, a diferenciação do produto possui maior relevância. Podemos concluir, com isso, que 75,0% das empresas direcionam seu foco principal para preço e/ou qualidade.

A produção média mensal das empresas pesquisadas é de aproximadamente 600 peças, variando entre 200 a 2.500 peças. Algumas empresas, que possuem número maior de funcionários, acabam produzindo uma quantidade maior de peças, atingindo uma média mensal superior a 1.000 peças.

Sabemos que as empresas em geral enfrentam diversas dificuldades em seu dia-a-dia, independente de localização ou porte. É possível observamos, pela pesquisa, que dois são os fatores que mais interferem nas empresas na indústria de lingerie em Guaporé, segundo os seus gestores: a concorrência direta, com 31,3% lidera, seguida pela falta de mão-de-obra, com 27,1%. Além destes, 14,6% dos entrevistados responderam que os dois pontos juntos interferem de forma expressiva no setor. A falta de profissionais no mercado, segundo os gestores pesquisados estaria afetando diretamente a capacidade de produção de suas empresas.

Dentre os resultados apontados, evidenciamos que as organizações pesquisadas seguem a tendência dos pequenos negócios, como a centralização administrativa, a baixa especialização, a informalização nos processos de produção e a reduzida dimensão do mercado. O fato de estarem reunidas num mesmo local, entretanto, indica a ausência de ações de cooperação e de aprendizagem necessárias para a consolidação de um arranjo produtivo competitivo. A visão dos gestores em termos da concorrência direta, neste sentido, indica a falta de um ambiente institucional propício para reduzir custos de transação e potencializar as características peculiares das micro e empresas locais.

6 Considerações finais

A emergência do segmento industrial de confecções de lingerie de Guaporé (RS) resultou da interação entre as condições locais e as mudanças ocorridas nos processos econômicos, históricos e sociais. Foi um processo espontâneo de industrialização, que teve como base um conjunto de condições locais, nacionais e internacionais, tendo seu início em meio à abertura comercial ocorrida na década de 1990.

A pesquisa de campo permitiu evidenciar aspectos comuns à realidade da maior parte das micro e pequenas empresas do país, além de um expressivo viés de gênero para a indústria pesquisada, a predominância de mulheres tanto na gestão quanto na produção. A média de funcionários registrados por empresa é 11,8, sendo que o número de empresas que possuem até quatro (4) funcionários é o mais encontrado. Destes, a maioria são mulheres.

Quanto às características que envolvem o gestor foi possível identificar que a maioria deles ensino médio completo. A idade média observada foi de 35 anos. Quando analisado o gênero dos gestores, comprovou-se que cerca de dois terços são mulheres, o que mais uma vez comprova a importância da mulher na dinâmica produtiva local. A participação dos gestores na indústria é centralizada, ou seja, os gestores realizam múltiplas tarefas na empresa, participando diretamente do processo de produção, isso se dá devido ao número reduzido de funcionários encontrado nestas empresas.

O fator trabalho e sua estrutura é um dos pontos de maior importância observado. Foi possível identificar algumas características do setor em particular, como por exemplo, constatamos que noventa por cento das empresas são responsáveis pelo recrutamento e seleção e este normalmente ocorre de modo informal. Identificamos, também, que no momento em que a empresa escolhe seus novos funcionários, a experiência ou prática anterior na confecção de lingerie é decisiva. A divisão do trabalho recebe total participação do gestor, tanto para distribuição como para o acompanhamento da sua realização. A escolarização média dos funcionários das empresas pesquisadas é ensino médio incompleto e a remuneração que recebem está na faixa de R\$ 795,00. Observamos que a terceirização tem sido um recurso utilizado por parte das empresas de maior parte.

Com relação às características ligadas ao capital e à inovação, constatamos que a fonte dos recursos das empresas vem de recursos próprios e financiamentos. Atentamos aqui para a literatura que fala que o acesso ao crédito é dificultado para este tipo de empresa, por isso, parte do recurso origina-se do próprio proprietário e isso pode explicar, também, o

baixo valor investido, representado nos valores do capital social das empresas. A maioria das empresas está instalada em prédio próprio, isso se torna possível pela escala reduzida de produção. Quanto aos custos de produção, a mão-de-obra é sinalizada como o principal. Identificamos que, em sua maioria, os insumos de produção são adquiridos no próprio município, o que mostra que o setor desdobra outras atividades que se relacionam entre si, como o comércio de tecidos e aviamentos.

Um ponto importante, que diverge de questões apresentadas na literatura recente, diz respeito à relação entre as empresas do setor pesquisado. A presença de formas de interação e de cooperação, que caracterizariam um aglomerado industrial, sobretudo se composto por micro e pequenas empresas, não foi evidenciada. Acreditamos que isso possa ocorrer devido à forte concorrência enfrentada por elas, já que atuam tanto para atacado como para varejo, o mercado é o mesmo, além da própria restrição em termos de mão-de-obra especializada.

As evidências apontadas corroboram para o conhecimento das diversas micro e pequenas empresas que compõem a indústria têxtil e de confecção do país. Sinalizam, ainda, a importância de aprofundarmos estudos sobre instituições e possíveis mecanismos de cooperação a serem adotados por estes pequenos negócios, que possam contribuir para o fortalecimento da indústria local no mercado.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTEL E DE CONFECÇÃO - ABIT. **Economia**. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id_menu=8&id_sub=23&idioma=PT Acesso em; 12 ago. 2011.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. Florianópolis: Ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho – PDET. Acesso on line à base de dados. *Rais*. Brasília, 2011. <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php> Acesso 20 mar. 2012.

BRONZO, Marcelo; HONÓRIO, Luiz. O institucionalismo e a abordagem das interações estratégicas da firma. **RAE Eletrônica**, FGV, São Paulo, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v4n1/v4n1a08.pdf> Acesso em: 19 nov. 2011.

CACCIAMALI, Maria Cristina. **Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção**. Doutorado em Teoria Econômica (Tese). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1983.

CAMPOS, Antonio Carlos de; PAULA, Nilson Maciel de. Do Aglomerado Industrial ao APL: uma análise da indústria de confecções de Cianorte (PR). **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro (RJ), v.7, n. 1, p.147-176, jan./ jun. 2008.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Setor têxtil e de confecções deve investir em gestão**. [s.l.], 2011. Disponível em: http://www.cgee.org.br/noticias/viewBoletim.php?in_news=749&boletim= Acesso em 8 jun. 2011.

ENDERLE; Rogério; et al. A gênese da organização industrial localizada e seu papel contemporâneo na inserção das micro e pequenas empresas. **Revista de Negócios**, FURB, v. 10, n. 4, 2005.

FARINA, Elizabeth M. M. Q.; AZEVEDO, Paulo F. de; SAES, Maria S. M. **Competitividade: mercado, estado e organizações** São Paulo: Editora Singular, 1997.

FIRJAM, Aline de Aquino; FERRAZ, Fernando Toledo. Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG. **Redige**, v. 2, n. 3, dez. 2011

GARCIA, Cláudia. **A História das Roupas de Baixo Femininas**. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/lingerie.htm> Acesso em 24 abr. 2011.

GHIDIN, Marilise Fátima. **Estudo Sobre Controle da Qualidade no Processo Produtivo do Lingerie**. Disponível em: <http://www.modavestuario.com/mariliseghidin.pdf> Acesso em 22 abr. 2011.

GUAPORÉ (Município). SECRETARIA MUNICIPAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO - SMIC. **Dados do Município de Guaporé** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por smic@guapore.rs.gov.br em 18 abr. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E CIÊNCIA (IBGE). **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=430940> Acesso em 08 nov. 2011.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL - IEMI. **Estudo do Mercado Potencial** – 2011. Disponível em: <http://www.iemi.com.br/biblioteca/estudos-do-mercado-potencial/moda-intima/> Acesso em: 20 out. 2011.

KON, Anita; COAN, Durval Calegari. Transformações na indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 3, n. 3 p, 11-34, 2005. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/rem/article/viewFile/774/461> Acesso em 15 out. 2011.

LA ROVERE, Renata L`ebre; TIGRE, Paulo Bastos; ALEXIM, Flavia Menna Barreto. Quando o apito, na fábrica de tecidos, deixa de ferir nossos ouvidos: automação, desemprego e qualificação na indústria têxtil brasileira nos anos 90. **Revista Economia**, Brasília(DF), v.7, n.2, p.395–409, maio/ago. 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NOGUEIRA, Antonio Carlos Lima. **Conhecimento nas Organizações: evolução das abordagens econômicas**, 2001. Disponível em: <http://pensa.org.br/artigos-congressos/conhecimento-nas-organizacaoes-evolucao-das-abordagens-economicas/> Acesso em: 1 nov. 2011.

PEREIRA, Adriano José; DATHEIN, Ricardo. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: A “co-evolução das tecnologias físicas e sociais” como fonte de desenvolvimento econômico. In: ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL – ANPEC SUL, 14, Florianópolis, 2011. **Anais...** Disponível em: <http://www.anpecsul2011.ufsc.br/?go=artigos> Acesso em 6 set. 2011.

RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL: TÊXTEL E CONFECÇÃO. Campinas (SP): Unicamp/Instituto de Economia/Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia, maio 2008.

RECH, Sandra Regina. **Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - Sebrae. Critérios de Classificação de Empresas. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4154> Acesso: 20 set. 2011.

SIMON, Kátia Conceição; CARVALHO JUNIOR, Luiz Carlos de. **Estratégias Competitivas das Empresas de Confeção de Criciúma – SC**. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Economia%20291739> Acesso em: 14 jun. 2011.

SOUZA, Maria Carolina de Azevedo Ferreira de; MAZZALI, Leonel. Conceito e espaço da pequena empresa na estrutura industrial: heterogeneidade e formas de inserção. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 15, n. 3, p. 591-603, set./dez. 2008.

TIGRE, Paulo Bastos. Paradigmas Tecnológicos e Teorias Econômicas da Firma. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em http://www.finep.gov.br/revista_brasileira_inovacao/setima_edicao/paradigmas.pdf Acesso em 7 jun 2011.

VALLE, Marcelo Gonçalves do; BONACELLI, Maria Beatriz Machado; SALLES FILHO, Sérgio Luiz Monteiro. Aportes da Economia Evolucionista e da Nova Economia Institucional na Constituição de Arranjos Institucionais de Pesquisa. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 22, Salvador, 2002. **Anais...** Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/geopi/documentos/22809619.pdf> . Acesso em: 18 nov. 2011.

VASCONCELOS, Eva. **Análise da Indústria Têxtil e do Vestuário**. Universidade do Minho, Portugal, 2006. Disponível em <http://foreigners.textovirtual.com/edit-value/analise-da-industria-textil-do-vestuario.pdf> Acesso em 2 ago. 2011.

VILLELA, Lamounier Erthal; PINTO, Mario Couto Soares. Governança e gestão social em redes empresariais: análise de três arranjos produtivos locais (APLs) de confecções no estado do Rio de Janeiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p.1067-1089, set./out. 2009.